

JORNAL DE BRASÍLIA 6 Com. Granel 13 MAR 1992.

Crescimento sem indústria

O anúncio, feito pelo IBGE, de que o Produto Interno Bruto brasileiro cresceu 1,21% no ano passado, em relação a 1990, embora contrarie a maioria das previsões dos economistas — que iam de crescimento zero a uma queda acentuada —, não deve ser comemorado com muita ênfase. Deve-se, acima de tudo, levar em conta que o desempenho da economia brasileira em 1990 foi muito ruim, sofrendo o PIB uma queda de 4,26%. Ou seja, o crescimento de 1991 só ocorreu em função do péssimo desempenho da economia nacional no ano anterior. Mesmo assim, o fato é positivo, porque significa que o País, embora mergulhado em grave crise econômica, conseguiu crescer.

Outro dado que deve ser levado em consideração é que o PIB do ano passado acabou sendo igual ao de 1988, que, por sua vez, foi apenas 18,93% superior ao registrado no ano de 1980. Assim, a chamada década perdida não é apenas uma figura de retórica.

De fato, nos onze anos que vão de 1980 a 1991, a indústria nacional cresceu apenas 3,2%. Durante o ano passado, a indústria de transformação teve queda de 0,55%, índice que acaba sendo aceitável porque a retração da atividade industrial chegou a fantásticos 13,43% nos doze meses entre o final do primeiro trimestre do ano passado e o de 90.

A maior parte do crescimento do ano passado deve ser atribuída ao setor de serviços industriais de utilidade pública

— energia elétrica, água e saneamento —, que foi da ordem de 4,38%. Este é um número realmente positivo, porque significa efetiva melhoria no nível de vida da população.

Para melhor entender as sucessivas quedas da atividade industrial no Brasil, talvez o melhor exemplo seja o da indústria automobilística, que gera cerca de 10% do PIB, emprega cerca de quatro milhões de pessoas, direta ou indiretamente, mas que hoje atravessa a mais grave crise desde que se instalou no Brasil no final dos anos 50. O mercado nacional, que agora assimila 400 mil novos automóveis por ano, no início da década de 80 comprava um milhão de carros novos.

Um fator que podemos identificar de imediato é a brutal queda de poder aquisitivo do brasileiro. Se, em 1980, cinco em cada mil pessoas compravam um carro novo todo ano, hoje apenas duas têm esta capacidade. De outro lado, caiu a produtividade das montadoras nacionais, pela falta de investimentos em tecnologia. Para exemplificar: o nível de automação, que na indústria automobilística japonesa é hoje da ordem de 90%, e que beira os 50% nas montadoras espanholas, fica, apenas, em torno dos 20% no Brasil.

O certo é que a indústria brasileira precisa retomar o seu nível de importância dentro do PIB. Nos tempos de hoje é inconcebível um crescimento sem uma sólida base industrial.